



**PAULO FREIRE: A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA COMO PRÁXIS
REVOLUCIONÁRIA**

**PAULO FREIRE: TRANSFORMING EDUCATION AS A REVOLUTIONARY
PRAXIS**

NOÊMIA DE CARVALHO GARRIDO

Doutora em Ciência da educação pela Universidade Trás os Montes e Alto Douro – Portugal. Mestrado em Educação Social pelo Centro Salesiano de São Paulo - Unisal Campus/Americana. Pedagogia Plena pela PUC – Campinas. Professora de Educação de Jovens e Adultos na Fundação Municipal Para Educação Comunitária – FUMEC/Campinas. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Social e EJA – GEPESEJA/GEPLAGE/UFSCAR - Sorocaba.
nogarrido@yahoo.com.br

IZALTO JUNIOR CONCEIÇÃO MATOS

Doutor em Educação pela UNICAMP/Campinas. Mestre em Educação pela UNICAMP/Campinas. Graduado em Pedagogia pela UNICAMP/Campinas. Professor de Educação de Jovens e Adultos na Fundação Municipal Para Educação Comunitária – FUMEC/Campinas. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Social e EJA – GEPESEJA/GEPLAGE/UFSCAR - Sorocaba.
izaltojunior@uol.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer fragmentos da história de vida de Paulo Freire, considerando pontos e relatos escritos pelo educador que nesse ano 2021 completaria cem anos de existência. Suas obras se tornaram clássicas pelo mundo todo, especialmente por se tratar da humanização tão conclamada em todos os tempos. O texto foi organizado a partir das leituras de diversos registros publicados pelo educador Paulo Freire aspectos teóricos e metodológicos e construção do processo educativo em suas andanças anunciando a educação como Prática de Liberdade. A educação humanizadora é a grande preocupação principalmente nos dias atuais. Esse artigo nos remete a repensar os rumos da educação e os problemas que atinge a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Educação, Prática de Liberdade, Concepções, Transformação.

ABSTRACT

This article has to bring fragments of Paulo Freire's life story, considering points and reports written by the educator who in that year 2021 would complete one hundred years of existence. His works have become classic all over the world, especially because it is about the humanization so called for at all times. The text was organized from the readings of several records published by the educator Paulo Freire, theoretical and methodological aspects and construction of the educational process in his journeys, announcing education as Practice of Freedom. Humanizing education is a major concern, especially nowadays. This article leads us to rethink the directions of education and the problems that affect society as a whole.

Keywords: Education, Practice of Freedom, Critical conceptio

1 – INTRODUÇÃO

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma “chaga”, nem uma “erva daninha” a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não é um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização através da qual se pretende superá-lo. Proclamar sua neutralidade, ingênua ou astutamente, não afeta em nada a sua politicidade intrínseca. (Paulo Freire, 1975)

Considerado o pensador mais notável no campo da Pedagogia concentrando em suas obras o uso de uma prática dialetizadora com a realidade e combatendo a educação bancária, tecnicista e alienante. Paulo Freire enveredou por caminhos que ele próprio traçou procurando atingir aqueles que se encontravam a margem da sociedade despertando nos camponeses o processo do trabalho em sua complexidade.

Diante desse processo Paulo Freire levantou juntamente com seus educandos temas fundamentais referindo as palavras constituídas para o programa de alfabetização. Desenvolveu um método inovador para alfabetizar adultos que ultrapassou as fronteiras atingindo diversos países.

Paulo Freire era filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar e de Edeltrudes Neves Freire. Com a morte de seu pai aos 13 anos de idade sua mãe teve que assumir a responsabilidade de seus quatro filhos. Sem condições de pagar escola para todos pediu ajuda para o diretor do Colégio Oswaldo Cruz onde Paulo Freire se tornou professor de Língua portuguesa.

Em 1943 Paulo Freire ingressou para a Faculdade de Direito de Recife. Em 1944 Paulo Freire casou-se com Elza Maria Costa de Oliveira, uma professora

primária e com ela teve cinco filhos. Elza desenvolveu um papel muito importante na vida de Paulo Freire principalmente com relação a educação de adultos, influenciado, deixa o direito para atuar no campo da educação. De acordo com SPIGOLON (2007) Elza despertou em Paulo Freire a vocação para o trabalho com a educação, colaborando, além da aproximação com o pensamento crítico-reflexivo, contribuiu para o desenvolvimento da teoria do Conhecimento.

Quando Paulo Reglus Neves Freire nasceu (19/09/1921 – 02/05/1997), o Brasil tinha acabado de ver inaugurada sua primeira Universidade, em contraposição às já existentes em vários países latino americanos, para onde Paulo rumou, quando a situação política no Brasil se complicou em décadas posteriores. A semana de arte moderna de 1922, ainda estava em gestação. É nesse Brasil da primeira república que o nordestino Paulo Freire vem ao mundo. Os leitores poderiam se perguntar, tanto se falou e se fala de Paulo Freire, mais um texto.

A resposta vai que nós professores e pesquisadores na área de educação, devemos abraçar amorosamente o nosso patrono da educação brasileira, acreditamos que nunca é demais estudar, aprender com e sobre Paulo. Esse intelectual orgânico, como o mestre Gramsci nos ensinou, um educador popular capaz de construir reflexões muito profundas, potentes sobre a transformação social, tão importante para oxigenar uma sociedade como a nossa, marcada pela exclusão social e educacional, desde sempre.

LEI N. 12.612, DE 13 DE ABRIL DE 2012

Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O educador Paulo Freire é declarado Patrono da Educação Brasileira.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 13 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Certa vez, Paulo Freire foi questionado sobre sua vocação, Paulo respondeu que ninguém nasce educador, mas se torna um aos poucos, no processo cotidiano de ensino e aprendizagem.

Lembrou do papel que seus pais tiveram em sua formação e seu interesse sempre renovado pela leitura, por buscar conhecimento. Assim, fica mais uma lição, a de que nós professores, educadores, mediadores, facilitadores, seja a denominação que tiver, devemos nos atentar para a leitura, o estudo, a busca pelo conhecimento, certamente seremos melhores profissionais, contribuindo com a conscientização e o desenvolvimento crítico em nossos alunos e em nós mesmos.

O objetivo deste artigo foi trazer fragmentos da história de vida de Paulo Freire, considerando pontos e relatos escritos pelo educador que nesse ano 2021 completaria cem anos de existência. nos remetendo a repensar os rumos da educação e os problemas que atinge a sociedade como um todo. O texto foi organizado a partir das leituras de diversos registros publicados pelo educador.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção iremos discutir, qual concepção de educação Paulo Freire defende, em quais bases teóricas o autor

inseriu sua visão e prática educacional. Quando almejam criticar a chamada “pedagogia tradicional” e exaltar a tão sonhada “pedagogia crítica”, sempre citam o nome do referido teórico. No texto *Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*, Paulo Freire (2003, p.40) afirma que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”. Numa primeira apreciação, podemos entender que, com essa afirmação, Freire está dizendo que a educação sempre é um determinado conjunto de ideias relativas ao conhecimento sendo praticadas.

O mestre nos ensinou que o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade. Também nesse trecho, Freire fala de ação e reflexão envolvidas no processo que ele denomina conhecimento. Nesse processo, ação e reflexão formariam uma unidade permanente, ou seja, estariam sempre juntas; não haveria ação sem reflexão e nem reflexão sem ação. Porém, dessa vez, ele não usa o termo “mundo” para se referir àquilo sobre o que recai o que ele chama “ação-reflexão”; utiliza para isso o termo “realidade”. Por isso, podemos dizer que, segundo Freire, agir-refletir sobre o “mundo” e agir-refletir sobre a “realidade” significam a mesma coisa; mundo e realidade seriam sinônimos.

Paulo Freire acreditava na existência de duas espécies gerais de educação: a educação dominadora e a educação libertadora. Ambas seriam teorias do conhecimento colocadas em prática, mas a primeira (dominadora) estaria a serviço das classes dominantes, e a segunda (libertadora) estaria a serviço da libertação das classes dominadas. A proposta educacional de Paulo Freire, a sua concepção de educação como processo constante de criação do conhecimento e de busca da

transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana, seria uma concepção libertadora de educação, pois a educação domesticadora seria mero ato de transferência de conhecimento e de descrição da realidade, enquanto que a educação libertadora seria ato de criação do conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação-reinvenção da realidade.

3 – PAULO FREIRE UM EDUCADOR DE RUA

Em 1983 a UNICEF inicia um programa de ação voltado ao menino abandonado de rua, quatro países assumem o projeto e a partir de 1987 outros países se unem no trabalho junto a iniciativa potencializando as experiências obtidas consolidados nos espaços de ação. Paulo Freire teve como objetivo registrar esse projeto por meio de uma metodologia com a intenção de abordar nos seus conhecimentos acadêmicos, compreender, respeitar e ajudar os menores de rua como sujeito que participa de uma sociedade a que pertence. Nesse sentido a sua maior preocupação era com relação a vida que os menino e meninas moradores de rua carregam nos ombros, a necessidade de trabalhar para ajudar ou sustentar suas famílias desprovidas das necessidades básicas. Paulo Freire acentua que, são crianças desamparadas de todas formas tanto familiar como da comunidade tornando-se vulneráveis a exploração e dos perigos físicos e morais.

Nessa sua obra Paulo Freire aponta como o educador de rua deve se colocar diante dessas crianças ou adolescentes:

- respeitar a sua individualidade, seus valores e expectativas;
- ter cuidado para não invadir o mundo da pessoa caso ele não queira ser abordado;
- não ultrapassar o espaço vital sem que ele permita;
- esperar o momento quando o menino estiver desarmado
- ter paciência para aguardar o momento de iniciar o processo (FREIRE, 1987).

Alguns pontos levantados em sua obra foram de registros apontados por um grupo que participaram do I Seminário Latino Americano sobre alternativas para meninos e meninas de rua apontando as seguintes características:

- ser prematuramente adultos em busca de um meio para sobreviver na rua, como consequência de um sistema social que a marginaliza;
- atuam permanentemente em defesa diante das pessoas como resposta ao mal tratos físicos
- satisfaz suas necessidades básicas e reais na própria rua e com seus grupo de pares, dorme, come e trabalha.
- enfrenta dificuldades escolares que as levam a repetências e ao abandono do estudo.
- desenvolvem habilidades especiais que lhes permite sobreviver;
- são providas de carências de afeto familiar e social o que influi negativamente no seu desenvolvimento integral e social
- são crianças fortes e astutas dentro do seu próprio meio (FREIRE, 1987).

A visão apresentada por Paulo Freire com relação a ação do educador de rua é que esse educador precisa saber ouvir o “menor”¹, ouvir seus sentimentos, seu olhar, seus gestos, seus semblantes e suas emoções. Assim como estar livre de tabus e preconceitos impostos pela sociedade. É preciso que o educador se identifique com a criança sem perder a individualidade no processo de ensino/aprendizagem.

Paulo Freire nessa sua obra também diz que o Educador de rua precisa ter consciência de suas

horizonte de crianças e adolescentes pobres ou abandonados nas grandes cidades.

¹ Na história brasileira do século XX, a categoria “menor” acabou ganhando notoriedade como expressão estigmatizadora, circunscrevendo o

limitações, dos riscos e desafios proporcionados e presentes na rua e na sociedade. Poder recuar e aguardar o momento de avançar na conquista do espaço da rua onde está inserido o projeto com os meninos e meninas de rua. Portanto a presença do Educador de rua é uma necessidade do dia-a-dia constatada da ineficiência institucional. Dessa forma de acordo com Paulo Freire o educador caminha com o menor para ajudá-lo a ser afetivo, integrante e transformador no sentido de se tornar questionador e participativo dos processos sociais. Para tanto o Educador engajado nesse trabalho precisa revisitar seus conceitos, valores e ideologia, facilitando o processo de conscientização e de libertação.

Finalmente Paulo Freire termina sua escrita dizendo que a ida a rua não é um ato puramente humanitarista. É um ato político que passa pelo amor, e daí ele apresenta uma diferença entre humanitarista e humanista. Para ele Humanitarista é uma pessoa que dá um cheque de 10 mil cruzados para poder abater no imposto de renda e humanista é a pessoa que briga para mudar o mundo e não dá cheque a ninguém.

4 – ALFABETIZAÇÃO PARA A LIBERDADE

No início deste artigo trouxemos as palavras de Paulo Freire quando ele se refere a expressão “erva daninha” para designar a erradicação do analfabetismo. O termo provocou sua indignação pelo significado da palavra que traduz de forma proverbial a “preguiça”. O modo que o adulto analfabeto é tratado distância do reconhecimento de toda uma experiência de vida acumulada sua história e existência vivida. Ao interpretar a alfabetização como uma concepção crítica propõem a superação da alfabetização mecanizada das palavras e que estas

sejam desenvolvidas pela consciência dos direitos sociais caminho pelo qual pode compreender a inserção crítica da realidade.

Para Paulo Freire o pensamento crítico da realidade traz consigo condições fundamentais e exige a compreensão histórica do seu contexto social. É preciso compreender que as pessoas não são analfabetos por si próprio, mas por determinadas condições que se encontram, ou seja, a eles foram negados o direito de aprender ler.

Ao defender a alfabetização do adulto como prática de liberdade reafirma que a alfabetização fundada na prática social dos alfabetizando se associa a aprendizagem da leitura e da escrita ao ato de criação do criador alavancando a libertação do sujeito. Assim Paulo Freire diz que, o aprendizado da leitura e da escrita só tem significado quando acontece o domínio do mecanismo vocabular e quando o educando percebe o sentido da linguagem. Perceber também a relação entre a linguagem-pensamento e a realidade exigindo novas formas de expressões.

No trabalho de alfabetização com os camponeses Paulo Freire emprega o sentido de que esses realizam a análise da realidade, expressam a percepção de si mesmo em relação a objetividade. Portanto os condicionamentos a que tiveram submetidos na cultura do silêncio demonstram a prática da participação no trabalho e a importância da riqueza do discurso ao analisarem a realidade em suas codificações.

Vale salientar que o pensamento de Paulo Freire no que se refere a cultura do silêncio apresenta condições objetivas de uma realidade opressora trazendo a relação da estrutura dominadora, com o poder do silêncio inibidor.

5 – PEDAGOGIA: DIÁLOGO E CONFLITO

O tema acima está relacionado a escrita de um livro organizado em 1995 a seis mãos: Paulo Freire, Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães. Nele está a reprodução de um diálogo memorizado

Há dez anos estávamos fazendo muitas andanças como educadores-educandos de um país em meio a um processo de conquista de seus direitos políticos, no qual a educação teve um peso particular. Por onde passávamos ouvíamos perguntas, anúncios, denúncias e éramos chamados a nos posicionar. Recolhemos muitas dessas perguntas e tornamos posição, respondendo-as neste livro ao qual se associou nosso colega e amigo Sérgio Guimarães, que não assina este novo prefácio porque está longe, na República do Haiti, depois de haver passado alguns anos em terras africanas. Sérgio também é um desses andarilhos, como nós, dos mesmos sonhos. Respondemos dialogando a partir da leitura das perguntas que muitos nos faziam. As respostas brotaram do debate, da experiência vivida em sala de aula, do movimento social dos educadores e de numerosas pessoas e organizações que estavam envolvidas na reconstrução do país, lutando por eleições diretas e por uma Constituinte livre e democrática. Esgotado há meses, agora a Editora Cortez nos pede para “rever e atualizar” o livro. E achamos que a melhor forma é conversar novamente com o leitor através de um novo prefácio, dez anos depois, contando um pouco de sua trajetória e da atualidade dos temas tratados. Lançamos o livro na PUC de São Paulo, em 1985, doando os direitos autorais para a reconstrução do TUCA, que havia sido incendiado no ano anterior. O TUCA é um desses símbolos vivos da resistência à ditadura militar que convém sempre lembrar. Por que “diálogo e conflito”? Demos esse título porque, para além da pseudo-neutralidade da pedagogia tradicional e da astúcia da pedagogia liberal, buscávamos mostrar como o diálogo e o conflito se articulam como estratégia do oprimido. Sustentamos que o diálogo se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. Entre esses, no máximo pode haver um pacto. Entre esses há é o conflito, de natureza contrária ao conflito existente entre iguais e diferentes. Os desafios educacionais que as perguntas nos revelaram giravam em torno de opções político-pedagógicas contraditórias: assumir a instituição escolar tal como ela se estruturou desde as revoluções burguesas e ensinar a ler, escrever e contar ou assumir a escola na perspectiva das classes dominadas e ensinar a ler, escrever, contar, ouvir, falar e gritar. Dois anos mais tarde, aparece a tradução argentina, pela Editora Cinco de Buenos

por meio da conversa que os três educadores tiveram tratando das conquistas políticas pelos países por onde passaram. Segue, pois, no quadro um pouco do contexto vivido pelos educadores:

Aires. Aos três autores juntou-se a educadora Isabel Hernandez – também uma andarilha da educação popular – analisando as mesmas inquietações dos brasileiros dentro da perspectiva da Argentina. O livro já está sendo traduzido em italiano com a participação do educador Bartolomeo Bellonova. Isabel Hernandez acentuou o caráter interdisciplinar do livro e de uma pedagogia dialógica. Há algum tempo vem se falando em “perspectivas argentino-brasileiras da educação popular”, dada a grande identificação de temas e problemas educacionais dos dois países, embora a realidade política e econômica dos dois países esteja sempre em mudança e o que pode ser idêntico hoje, amanhã pode ser diferente e até antagônico. Costuma-se dizer que “a Argentina é o Brasil amanhã” e às vezes é o contrário. Isabel Hernandez procurou mostrar que os colegas brasileiros não estavam respondendo apenas a uma situação particular do Brasil. Apontavam para a utopia, para a capacidade de sonhar e de lutar pelo sonho que deve animar o educador popular em todos os lugares onde atua. De nossa parte, nesses últimos anos tivemos também a oportunidade de enfrentar um novo e fascinante desafio na administração da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991), do qual tiramos muitas lições, entre elas a de que construir a escola pública com uma cara mais alegre, fraterna e democrática e, ao mesmo tempo, séria e competente, é difícil, mas é possível. É um processo a longo prazo. Aprendemos ainda que não existe um modelo único capaz de tornar exitosa a ação educativa da escola. Cada escola é fruto de suas próprias contradições. Daí insistirmos mais hoje sobre a autonomia da escola como estratégia para a melhoria da sua qualidade. Acreditamos que o livro continua atual. Estamos vivendo um tempo de crise da utopia. Afirmá-la novamente se constitui num ato pedagógico essencial na construção da educação do futuro. Um ponto discutido no livro continua sendo de grande atualidade: é a sedução cada vez maior que exerce o projeto neoliberal. Há os que acreditam que o socialismo morreu, que a utopia morreu, que a luta de classes desapareceu. Mas não foi bem o socialismo que morreu e triunfou o capitalismo. O que foi derrotada foi uma certa moldura de socialismo: a moldura autoritária. E isso é um avanço em direção à construção do socialismo democrático. Não é uma derrota. A democracia tem sido uma boa moldura também para certas

realizações concretas do capitalismo. Não podemos negá-la. Não negamos, tampouco, que os socialistas não souberam tirar proveito da democracia na mesma medida. A moldura democrática deverá ser preservada e fortalecida num socialismo construído com liberdade, o único que interessa a uma pedagogia do oprimido. Os neoliberais sustentam também que a ideologia acabou, que nada mais é ideológico. Esse discurso não torna velhos os nossos sonhos de liberdade e não deixa. De ser menos justa a luta contra o autoritarismo. Isso apenas nos obriga a compreendê-la melhor em suas múltiplas manifestações. Nós dizíamos que uma educação não autoritária deveria respeitar o aluno. Hoje temos mais clareza desse princípio quando as teorias da educação multicultural enfatizam ainda mais a necessidade dos educadores atentarem para as diferenças de cor, classe, raça, sexo etc. Dizíamos que o respeito à diferença era uma ideia muito cara à educação popular. Hoje percebemos com mais clareza que a diferença não deve apenas ser respeitada. Ela é a riqueza da humanidade, base de uma filosofia do diálogo. Enfim, não pode estar superada uma pedagogia do oprimido, enquanto existirem oprimidos. Não pode estar superada a luta de classes enquanto existirem privilégios de classe. Algumas coisas mudaram, sim. Algumas para melhor e outras para pior. Os convites e as andanças continuam. As perguntas, às vezes, também continuam as mesmas. Há uma enorme vontade de saber e de aprender dos jovens educadores de hoje e desejo de enfrentar coletivamente a luta pela libertação que continua tarefa permanente. Dedicamos há dez anos o livro “a todos os que nos perguntam”. Dez anos depois dedicamos esse livro a todos os que ao perguntar, buscam, com esperança, unir denúncia e anúncio na construção da educação do futuro. (GADOTTI, 1995, p. 9-11)

Esse trabalho se destaca pela maneira de apresentar o diálogo tão defendido por Paulo Freire trazendo um conteúdo importante para reflexão, retratando o que é viver no exílio por assumir uma posição política como educador defensor dos direitos humanos

6 – PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Compreender a pedagogia do Oprimido escrito por Paulo Freire no ano de 1968 momento em que se encontrava exilado é também compreender o momento em que o Brasil passava por um grau

elevado do autoritarismo refletida pela ideologia dominante no poder. O trabalho escrito pelo educador embasado em uma teoria crítica tornou-se tão popular reconhecido por educadores no mundo inteiro. Com mais de um milhão de cópias vendidas considerado o terceiro livro mais lido e citado nos trabalhos acadêmicos. Ao ter que deixar seu país e se exilar inicialmente na Bolívia, desenvolveu seu trabalho voltado a educação popular dedicando sua experiência com quem ele denominou de “os esfarrapados”.

A questão da humanização foi um dos pontos principais de Paulo Freire. Teve como desafio em suas discussões a questão da liberdade, a justiça, a luta pelos oprimidos e da humanidade.

Entendemos que a recuperação da humanização aliada a busca da liberdade torna o homem um ser restaurador da humanidade.

De acordo com Paulo Freire a pedagogia do oprimido é um dos instrumentos que não pode ser organizada pelo opressor, pois ela está intimamente ligada à pedagogia da liberdade. O que não deve ocorrer é a inversão dos papéis, ou seja, o oprimido ao invés de buscar a liberdade tornar se também o opressor. Uma das frases escrita por Paulo Freire reverberou em muitos diálogos coletivos. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”. Neste sentido libertar-se das garras do oprimido se faz em movimento, em luta organizada

Uma outra frase deixada por Paulo Freire está relacionada com o processo educativo: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Uma frase de grande importância como ponto de reflexão remetida a educação bancária tanto criticada em suas obras. A prática problematizadora envolve um novo sentido na ação de educar.

Paulo Freire salienta:

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade. Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1987, p. 45)

Por meio dessas provocações Paulo Freire disseminou um novo olhar para a educação, a educação que liberta derrubando o conceito de que somente o professor transmite o conhecimento como dominador do que deve ser aprendido. Assim é preciso reconhecer que para compreender o mundo deve ocorrer a relação simultânea e entre professor e aluno.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um ato que se inicia com o nascimento, ou mesmo considerar ainda em processo embrionário. Esse processo se alonga a toda faixa etária se encaixando na missão de educar e ser educado, sobretudo, de acordo com Paulo Freire, uma das mais importantes qualidades do homem e da mulher, é a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar. Assim pensando mesmo não ser possível transformar o mundo todo, a cada momento educativo entre as pessoas são formas possíveis de caminhar na transformação do mundo. Paulo Freire nos deixou um grande legado, conteúdo reflexivos, bases teóricas em busca da transformação do sujeito consequentemente do mundo. Seguir as

pegadas desse grande filósofo e educador deve ser o papel político pedagógico do educador que acredita na transformação do sujeito e de um

REFERÊNCIAS:

- FERNANDES, R. Z. A educação pela prática da linguagem: uma chance pedagógico-filológica na poesia de João Cabral de Melo Neto e na filosofia de Paulo Freire. Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social, Lisboa; São Paulo. 2020.
- FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. Educadores de Rua: Uma abordagem crítica, Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Colômbia: Editorial Gente Nueva. Unicef, julho, 1989.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- FREIRE, P. F934a Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.
- FREIRE, P. A propósito de uma administração. Recife, Imprensa Universitária, 1961.
- GADOTTI, M.; Freire, P. ; Guimarães, S. (Org) In: Pedagogia: diálogo e conflito 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.
- HADDAD, S. O educador: Um perfil de Paulo Freire, São Paulo: T, 1ª edição, 2019.
- SPIGOLON, N. I. Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.